

ISAAC ALONSO ESTRAVIS

(ver biografia en «Raigame» nº0)

e seus Alunos de Educação Infantil



*i t e r a t u r a
p o p u l a r*

RECUPERAR, RENOVAR E PROJECTAR NO FUTURO

Isaac Alonso Estravis
e seus Alunos de Educação Infantil

Debuxos: **Luis Cid**

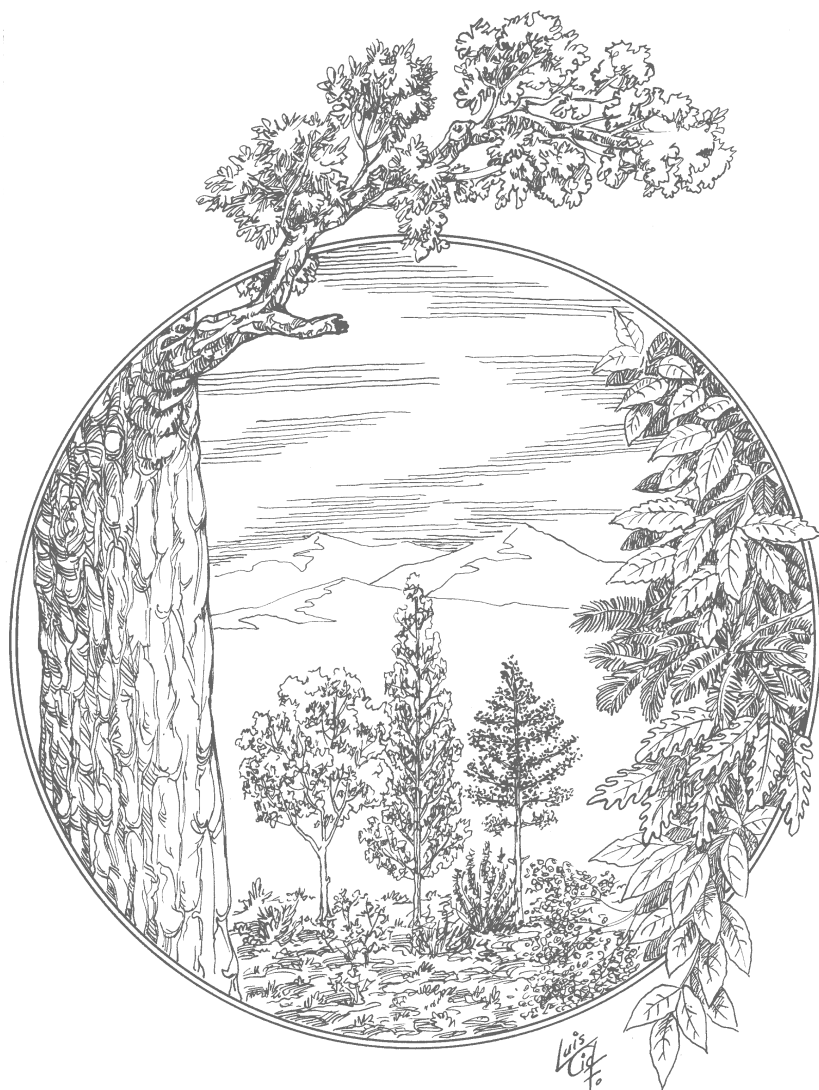
No meu artigo publicado em **RAIGAME 0**, intitulado «**Literatura Popular Tradicional no Concelho de Quedro**», deixo claro o que entendo por Literatura Popular e mesmo falo da sua ausência na escola tradicional galega. Na «Conclusão» digo que a escola tem que ser viva, dinâmica. As aulas podem ser atractivas e amenas se prescindimos do livro de texto e deitamos mão dos textos populares, estudamos através deles a gramática, dramatizamos esses textos, os refazemos, analisamos, relacionamos com outros, fazemos novos textos.

Desde então foi muito o material que recolhimos tanto no concelho de Quedro como no de Trasmiras:

contos, lendas, adivinhas, refrões, romances, testamentos... Dentro de todo este material também recolhimos o que no mundo português se chama lengalenga e que alguns dos meus informantes denominam carrialoura, termo do que não conheço a palavra castelhana equivalente. As definições dos dicionários é negativa, o que me estranha. Talvez dependa de quem se achegue às mesmas.

Coerente com o que ali se diz, comecei este ano a levá-lo à prática com os alunos de Educação Infantil. Experiência que quero apresentar aqui por se a

1. Alonso Estravis, Isaac, **Literatura Popular Tradicional no Concelho de Quedro**, in **RAIGAME 0**, pp. 31-39.



alguém lhe interessa o método.

O primeiro que se precisa é recuperar o texto das pessoas mais fidedignas gravando-o, se possível. Isto, ainda que às vezes tenham falhos, pois é melhor recolher o que há antes do que deixar que se perda. Amiúde acontece que o que se recolhe num lugar é completado com o recolhido noutra e nalgum caso pode chegar-se ao texto perfeito, recitado ou cantado. Isto foi o primeiro que figem. Alguns são recitados e outros cantados. Estamos a trabalhar com todos eles.

Uma vez recuperado o texto, vem a segunda parte: levar os textos aos alunos de Magistério para que estes à sua vez trabalhem com eles o dia de manhã nas aulas. Para isso convém que tudo seja experimentado amplamente com os que vão ser portadores dos mesmos aos meninos.

O primeiro que figemos, depois de breves explicações, foi que os alunos ouvíssem os originais. No princípio foram dados textos. Uma vez explicados alguns vocábulos e o esquema a seguir, a aula dividiu-se em grupos e cada grupo escolheu o texto que mais lhe interessou. Uns o intitulado **A NATUREZA E OS ANIMAIS** e outros o **O GALO PINTO**. Apesar dos graves problemas com que contamos na aula: um espaço para 20-25 alunos, usado por uma turma de 60, o labor está-se a levar à prática com óptimo resultado.

A cada estudante deu-se-lhe cópia do original tal e como está gravado com as normais deficiências de um texto que há anos não é utilizado e gravado espontaneamente sem nenhuma preparação, graças a esses mestres que nunca exerceram em escolas mais que são os portadores da sabedoria popular. Ao lado desse texto aparece outro adaptado pelo professor no que se suprimem as repetições e se traduzem os castelhanismos a um galego mais normal, respeitando, sempre que possível o texto original,

que felizmente ainda se conservam bem. As mudanças foram mínimas como se pode comprovar.

Estudado, pois, o texto original e metidos dentro do seu esquema, os alunos deram o passo seguinte construindo eles outros novos textos seguindo o esquema original. Depois cada grupo procurou apresentar o seu texto aos companheiros como lhe pareceu melhor. Os textos foram representados com emprego de desenhos e marionetas participando no desenvolvimento toda a aula, sobretudo ao aparecerem certos animais cujos gritos tinham que imitar. Como algumas plantas eram desconhecidas pela maioria da classe, encarregaram-se os autores das mesmas para levar à escola ramos das mesmas: para os conhecer, tocar, cheirar...

Para surpresa minha, o texto mais trabalhado foi O GALO PINTO do que tenho bastantes trabalhos. Através deles vê-se como uma aula pode ser um contínuo jogo onde além de o passarem bem as crianças podem adquirir toda uma série de conhecimentos sem esforço nenhum ou com o mínimo esforço. Andam agora com outro texto e com adivinhas próprias de cativos onde se conjuga a letra com o desenho e a plástica.

Fora do texto original e da adaptação levada a cabo por mim, os outros textos têm nomes e apelidos, incluída a análise levada a cabo por uma equipa que também realizou outro texto que representou. A análise textual não é para os pequenos mas para pessoas maiores, como os seus colegas de curso. Depois de lida na aula entre todos fomos vendo como se faria uma análise com os miúdos. Dos apre-

sentados uns são mais cumpridos e outros mais breves, porque cada grupo teve a liberdade de os adaptar para rapazes de diversas idades.

São, pois, deles os outros textos. Todos levam ao final os nomes dos seus autores. Só tenho que aclarar uma coisa: os originais estão escritos na normativa da Junta da Galiza, mas como iam ser publicados dentro de um texto mais amplo elaborado por mim, para que não houvesse falta de sintonia ortográfica, falei com eles e ficamos em que eu os adaptasse, fazendo-lhes saber que em RAIGAME se pode publicar em qualquer norma.

Eis os textos:

A NATUREZA E OS ANIMAIS

-Oi, Neve! Tu es tam forte qu'o meu pé prendes.

-Eu som tam forte qu'o Sol me derrete.

-Oi, Sol! Tu es tam forte que derrétela Neve qu'o meu pé prende.

-Eu som tam forte qu'o Aire me espalha.

-Oi, (i)Aire! Tu es tam forte que espálhalo Sol que derrete a Neve qu'o meu pé prende.

-Eu som tam forte qu'a Parede me tapa.

-Oi, Parede! Tu es tam forte que tápalo Vento que espalha o Sol que derrete a Neve qu'o

meu pé prende.

-Eu som tam forte qu'ó Rato me fura.

-Oi, Rato! Tu es tam forte que fúrala Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve qu'ó meu pé prende.

-Eu som tam forte qu'ó Gato me mura.

-Oi, Gato! Tu es tam forte que múralo Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve qu'ó meu pé prende.

-Eu som tam forte qu'ó Cam me mata.

-Oi, Cam! Tu es tam forte que mátaló Gato que papa o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve qu'ó meu pé prende.

-Eu som tam forte qu'ó Cam me mata.

-Oi, Pau! Tu es tam forte que mátaló Cam, que mata o Gato que papa o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve qu'ó meu pé prende.

-Eu som tam forte qu'ó Lume me queima.

-Oi, Lume! Tu es tam forte que quéimalo Pau que mata o Cam que mata o Gato que papa o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve qu'ó meu pé prende.

-Eu som tam forte que a (i)Auga me apaga.

-Auga! Tu es tam forte qu'apágalo Lume que queima o Pau que mata o Cam que mata o

Gato que papa o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve qu'ó meu pé prende.

-Eu som tam forte qu'ó Burro me bebe.

-Ai, Burro! Tu es tam forte que bébela Auga qu'apaga o Lume que queima o Pau que mata o Cam que mata o Gato que papa o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve qu'ó meu pé prende.

-(Eu som tam forte que o Lobo me mata).

-Oi, Lobo! Tu es tam forte que mátaló Burro que bebe a Auga que apaga o Lume que queima o Pau que mata o Cam que mata o Gato que papa o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve qu'ó meu pé prende.

-Eu som tam forte qu'ó Home me mata.

-Oi, Home! Tu es tam forte que mátaló Lobo que come o Burro que bebe a (i)Auga que apaga o Lume que queima o Pau que mata o Cam que mata o Gato que papa o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve qu'ó meu pé prende.

(Atãs, Antonia Pousa Sanmamed, 81 anos, 15-08-95).

A NATUREZA E OS ANIMAIS

-Oi, Neve! Tu es tam forte que o meu pé pren-



des.

-Eu som tam forte que o Sol me derrete.

-Oi, Sol! Tu es tam forte que derretes a Neve que o meu pé prende.

-Eu som tam forte que o Ar me espalha.

-Oi, Ar! Tu es tam forte que espalhas o Sol que derrete a Neve que o meu pé prende.

-Eu som tam forte que a Parede me tapa.

-Oi, Parede! Tu es tam forte que tapas o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve que o meu pé prende.

-Eu som tam forte que o Rato me fura.

-Oi, Rato! Tu es tam forte que furas a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve que o meu pé prende.

-Eu som tam forte que o Gato me mura.

-Oi, Gato! Tu es tam forte que muras o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve que o meu pé prende.

-Eu som tam forte que o Cam me mata.

-Oi, Cam! Tu es tam forte que matas o Gato que papa o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve que o meu pé prende.

-Eu som tam forte que o Pau me mata.

-Oi, Pau! Tu es tam forte que matas o Cam, que mata o Gato que papa o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve que o meu pé prende.

-Eu som tam forte que o Lume me queima.

Oi, Lume! Tu es tam forte que queimas o Pau que mata o Cam que mata o Gato que papa o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve que o

meu pé prende.

-Eu som tam forte que a Água me apaga.

-Água! Tu es tam forte que apagas o Lume que queima o Pau que mata o Cam que mata o Gato que papa o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve que o meu pé prende.

-Eu som tam forte que o Burro me bebe.

-Ai, Burro! Tu es tam forte que bebes a Água que apaga o Lume que queima o Pau que mata o Cam que mata o Gato que papa o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve que o meu pé prende.

-Eu som tam forte que o Lobo me mata.

-Oi, Lobo! Tu es tam forte que matas o Burro que bebe a Água que apaga o Lume que queima o Pau que mata o Cam que mata o Gato que papa o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve que o meu pé prende.

-Eu som tam forte que o Home me mata.

-Oi, Home! Tu es tam forte que matas o Lobo que come o Burro que bebe a Água que apaga o Lume que queima o Pau que mata o Cam que mata o Gato que papa o Rato que fura a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve que o meu pé prende.

(Adaptado por Isaac Alonso Estravis).

ANÁLISE DO TEXTO

«A NATUREZA E OS ANIMAIS»

1.- ESTRUTURA DO TEXTO

O texto está estruturado em forma de diálogo entre elementos da Natureza, que podem recordar um pequeno reto ou desafio. Sempre gira em torno à comparação «tam forte que», o que dá pé para mostrar algumas características e acções habituais dos elementos que intervinem, seguindo a sequência, descendo até aquele mais débil.

O jogo consistirá em ir acrescentando elementos ordenadamente partindo do novo protagonista apresentado e lembrando toda a cadeia anterior (exercício lógico-memorístico).

Graficamente, a lengalenga ou carrialoura, que estudamos, poderia visualizar-se como alguém que vai, quiçá, percorrendo um caminho, na procura das personagens que vam surdindo a raiz do seu dirigir-se primeiro à Neve e da resposta desta. Semelha querer indagar, pesquisar de aqui e de acolá, para ir agatunhando até chegar a conhecer o suposto (pois nom existe -ao final o ciclo repete-se para voltar ao ponto de partida-) mais forte.

Em cada parelha de intervenções, a primeira delas começa sempre com umha apelação exclamativa, poderíamos dizer a «alguém» (já que os protagonistas aparecem personificados): «-Oi, Neve!, Oi,

Sol!...». Logo dirigindo-se em segunda pessoa a essa personagem chamada salienta-se o seu poder frente a outro ser: «Tu es tam forte que...»

Na segunda intervençom da pequena conversa é essa mesma personagem a quem se dirigiram e da que se destacara umha qualidade superior, a que toma a palavra para restringir a sua fortaleza e mostrar-lhe alguma limitaçom: ainda hai alguém por cima que pode com ela.

E precisamente esse alguém será o que, de igual maneira chamado (a estrutura é a mesma) numha nova intervençom, faga o próprio à hora de dar a sua resposta.

A cadea a reter para pronunciar em cada primeira intervençom vai assim crescendo progressivamente, acrescentando de jeito sucessivo elos em forma de frases subordinadas com o enlace «que». Deste modo vai-se fazendo umha pequena história onde cada novo passo para falar com umha nova personagem (reconhecida justo antes como «mais forte») implica um ir recuando e lembrando o já dito.

«-Oi, Rato! Tu es tam forte que furas a Parede que tapa o Vento que espalha o Sol que derrete a Neve que o meu pé prende.

-Eu som tam forte que o Gato me mura.

-Oi, Gato! Tu es tam forte que muras o Rato que fura a Parede que...»

2.- SUBSTANTIVOS

Os substantivos deste texto aparecem todos em maiúscula ainda que nom som nomes próprios, todos som comuns, porque representam seres personificados. Som catorze substantivos comuns que se podem distribuir em várias classes segundo o tema ou família à que pertençam.

Assi encontramos substantivos relacionados com o clima, nomes de animais, nomes de elementos da Terra, e um nome que nom entra em nengunha destas classificações, que é Parede.

Eis cada um dos substantivos que aparecem no texto:

Os tres primeiros substantivos que aparecem representados com signos de exclamaçom, referem-se a elementos climáticos: a Neve, o Sol, o Aire, elementos moi importantes para o cativo, pois tem contacto com a maior parte deles, dependendo do lugar no que viva ou conheça.

Apresenta-se à Neve como o elemento mais débil e ao Aire como o mais forte. Cada um deles influi sobre os outros de umha maneira negativa, que vem indicada polas acções que os acompanham.

É importante destacar que o conto começa com elementos climáticos que nom som estáveis nem no espaço nem no tempo, ao contrário de outros substantivos que si o som.

Aparece em primeira linha, e repetindo-se a continuaçom na maioria das linhas, o único substantivo referido a umha parte concreta do corpo: o pé, que

se mostra como a vítima de todo o que acontece no conto e representa o elemento desencadeante da acção.

Na quarta linha aparece «Parede», substantivo comum e concreto que não deixa passar o Vento, e portanto é mais forte do que ele.

Venham a continuar três substantivos que representam animais: o Rato, o Gato e o Cam. Estes aparecem desde o mais débil, que é o rato até ao mais forte que é o cam, que pode com o gato que é o que mura o rato.

Estes substantivos correspondem a animais conhecidos pelos rapazes (muito poucos teriam dificuldades para os reconhecer).

Os substantivos do oitavo, nono e décimo parágrafo: Pau, Lume e Água, também podem formar parte de uma trilogia que representa os elementos da Terra e, portanto, imprescindíveis no tema da Natureza. Estes elementos são muito conhecidos e alguns utilizados habitualmente pelos nenos. São também substantivos concretos e comuns e as suas características são salientadas no texto mediante os verbos.

O Burro apresenta-se como um animal que é mais forte que a água porque a bebe. Poderia ser qualquer outro animal porque todos bebem água. Talvez é elegido porque também é muito conhecido pelos miúdos ainda que nunca o vissem. Há que destacar que é o único substantivo que está acompanhado por um verbo que não é negativo, mas que neste caso aparece como tal.

Segue o lobo como o derradeiro animal. Este substantivo é o único que representa um animal selvagem e há que salientar que aparece em último lugar, como querendo dizer que é o animal mais forte de todos os que se nomeiam. Também é um animal conhecido pelos meninos e que quase sempre aparece como o mau do conto.

Finalmente aparece o substantivo «Home» que representa a última e a mais forte (?) de todas as personagens. Dá uma sensação de «orgulho» ver que é o home o único que pode resolver o problema, que é tão simples, mas que desencadeia toda uma trama cheia de personagens e acções.

Pela qualidade dos substantivos, o texto é fácil de entender para os picarinhos. Todos são conhecidos, pelo que não pareceria estranho que um menino de 5-6 anos aprendesse o texto tal como está.

3.- PRONOMES

Aparecem três pronomes pessoais: «tu, eu, me».

«Tu» e «eu» são pessoais de sujeito e «me» de objecto directo. Vão-se repetindo ao longo de todo o texto. «Eu» e «tu» são quase inecessários e repetem-se só com a intenção de dar ênfase: são para que saibamos que cada elemento se refere ao outro. Neste caso, esse «tu» não seria necessário porque já di antes o nome do elemento ao que se refere. Por exemplo, quando di «Oi, Neve! Tu...» põe-se para dar ênfase, para recalcar.

«Me» indica que a acção recai sobre quem fala. Por exemplo, no primeiro caso quando di «que o Sol me derrete», a acção recai sobre a Neve.

Também aparece um pronome possessivo: «meu». É um possessivo da primeira pessoa que também indica que a acção recai sobre quem fala, neste caso o Home.

4.- ADJECTIVOS

Só aparece «forte» como adjectivo e está no grau comparativo de igualdade, ainda que nom está explícita a segunda parte da comparação. Isso pode ser devido a que cada elemento que aparece pensa que o outro é forte ainda que este sempre lhe dá alguma razão para dizer-lhe que nom é mais forte. Isto segue assi até chegar ao home.

5.- APELATIVOS

Só aparece «Oi», num caso a variante «Ai» e noutro nada. Sempre aparecem ao princípio do diálogo de cada animal ou de cada elemento. Empregam-se, neste caso, para dar força e para chamar a atenção do ouvinte que é nomeado.

6.- VERBOS

Os verbos jogam um papel relevante dentro do texto, sobretudo se temos em conta que todo gira arredor deles. Por isso cremos conveniente fazermos um

comentário exaustivo de todos eles.

«Es» aparece como ligação desde o começo até ao final do texto.

«Som» é outra das formas que aparecem sempre como resposta ao que se di.

Estas formas copulativas: «es, som», som essenciais no fragmento posto que todo ele se estrutura partindo da afirmação «Tu es...» - «Eu som...»

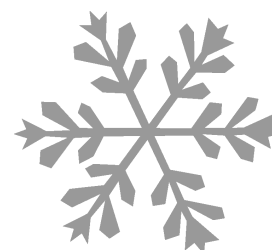
Outras formas verbais que aparecem som:

* prendes	* papa
* derrete	* mura
* espalha	* mata
* tapa	* queima
* fura	* apaga
* bebe	

Estes verbos fazem referência, ou melhor dito, caracterizam-se por ter um matiz de «negação», é dizer, é como se cada um deles anulasse a propriedade do outro. Por exemplo:

«-Oi, Neve! Tu es tam forte qu'o meu pé prendes.

-Eu som tam forte qu'o Sol me derrete.



Todos, pois, fazem referência a acções negativas e som o eixo vertebrador sobre o que gira todo o que acontece no texto. Por outro lado, hai um diálogo que também se cultiva, especialmente, por medio dos

verbos que aparecem em 3ª e 1ª pessoa. É como se um dissesse ou perguntasse indirectamente algo e o outro lhe respondesse afirmando. Exemplo:

«-Oi, Neve! Tu es (...) pé prendes.

-Eu som (...) me derrete.»

A jeito de conclusom, sublinhamos que ao longo da carrialoura vai-se criando um ritmo que ajuda a interiorizá-lo e que se ve reforçado, sobretudo, pola presença dos verbos.

Mª Consuelo Augusto Medeiros, Raquel Cid Conde,
Sílvia Faria Garabatos, Sonia Fernández Pérez.

A NATUREZA

-Oi, Erva! Tu es tam grande que tapas o meu pé.

-Eu som tam grande que o Fento me cobre.

-Oi, Fento! Tu es tam grande que tapas a Erva que o meu pé cobre.

-Eu som tam grande que a Carqueixa me tapa.

-Oi, Carqueixa! Tu es tam grande que cobres o Fento que tapa a Erva que o meu pé cobre.

-Eu som tam grande que o Morangueiro me cobre.

-Oi, Morangueiro! Tu es tam grande que tapas a Carqueixa que cobre o Fento que tapa a Erva que o meu pé cobre.

-Eu som tam grande que a Gesta me tapa.

-Oi, Gesta! Tu es tam grande que cobres o Morangueiro que tapa a Carqueixa que cobre o Fento que tapa a Erva que o meu pé cobre.

-Eu som tam grande que a Mimosa me cobre.

-Oi, Mimosa! Tu es tam grande que tapas a Gesta que cobre o Morangueiro que tapa a Carqueixa que cobre o Fento que tapa a Erva que o meu pé cobre.

-Eu som tam grande que o Carvalho me tapa.

-Oi, Carvalho! Tu es tam grande que cobres a Mimosa que tapa a Gesta que cobre o Morangueiro que tapa

a Carqueixa que cobre o Fento que tapa a Erva que o meu pé cobre.

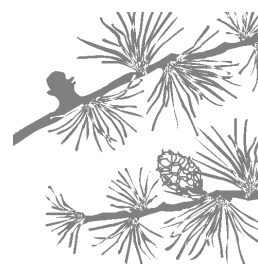
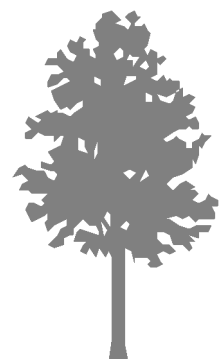
-Eu som tam grande que o Amieiro me cobre.

-Oi, Amieiro! Tu es tam grande que tapas o Carvalho que cobre a Mimosa que tapa a Gesta que cobre o Morangueiro que tapa a Carqueixa que cobre

o Fento que tapa a Erva que o meu pé cobre.

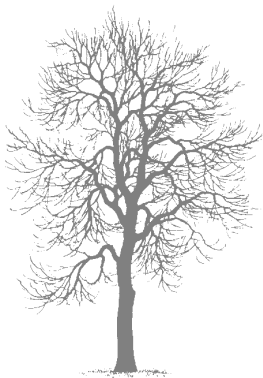
-Eu som tam grande que o Pinheiro me tapa.

-Oi, Pinheiro! Tu es tam grande que cobres o Amieiro que tapa o Carvalho que cobre a Mimosa que tapa a



Gesta que cobre o Morangueiro que tapa a Carqueixa que cobre o Fento que tapa a Erva que o meu pé cobre.

-Eu som tam grande que o Castinheiro me cobre.



-Oi, Castinheiro! Tu es tan grande que tapas o Pinheiro que cobre o Amieiro que tapa o Carvalho que cobre a Mimosa que tapa a Gesta que cobre o Morangueiro que tapa a Carqueixa que cobre o Fento que tapa a Erva que o meu pé cobre.

-Eu som tam grande que a Montanha me tapa.

-Oi, Montanha! Tu es tam grande que cobres o Castinheiro que tapa o Pinheiro que cobre o Amieiro que tapa o Carvalho que cobre a Mimosa que tapa a Gesta que cobre o Morangueiro que tapa a Carqueixa que cobre o Fento que tapa a Erva que o meu pé cobre.

-Eu som tam grande que o Sol me cobre.

-Oi, Sol! Tu es tam grande que tapas a Montanha que cobre o Castinheiro que tapa o Pinheiro que cobre o Amieiro que tapa o Carvalho que cobre a Mimosa que tapa a Gesta que cobre o Morangueiro que tapa a Carqueixa que cobre o Fento que tapa a Erva que o meu pé cobre.

Almudena Doallo Fernández, M^º Mercedes González

Senaz, David Mazaira Fernández, Adolfo Pardo Rodríguez, Ángel Rodríguez Paz.

A NATUREZA MARÍTIMA

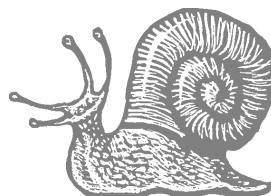
-Oi, Mar! Tu es tam forte que a vida me dá.

-Eu som tam forte que a Mioca me fura.

-Oi, Mioca! Tu es tam forte que furas o Mar que a vida me dá.

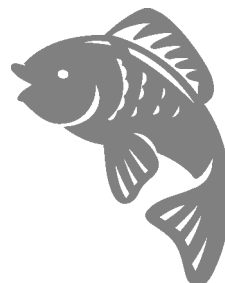
-Eu som tam forte que o Caracol me baba.

-Oi, Caracol! Tu es tam forte que babas a Mioca que fura o Mar que a vida me dá.



-Eu som tam forte que o Peixinho me come.

-Oi, Peixinho! Tu es tam forte que comes o Caracol que baba a Mioca que fura o Mar que a vida me dá.



-Eu som tam forte que o Calamar me mata.

-Oi, Calamar! Tu es tam forte que matas o Peixinho que come o Caracol que baba a Mioca que fura o Mar que a vida me dá.

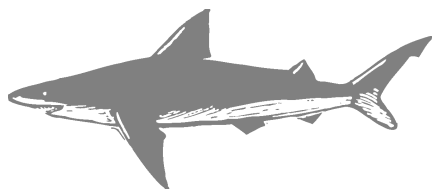
-Eu som tam forte que o Olhomol me atrapa.

-Oi, Olhomol! Tu es tam forte que atrapas o Calamar que mata o Peixinho que come o Caracol que baba a Mioca que fura o Mar

que a vida me dá.

-Eu som tam forte que o Tiburom me desfai.

-Oi, Tiburom! Tu es tam forte que desfás o

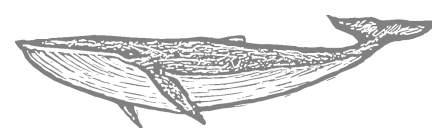


*Olhomol
que atrapa
o Calamar
que mata o*

*Peixinho que come o Caracol que baba a
Mioca que fura o Mar que a vida me dá.*

-Eu som tam forte que a Balea me traga.

-Oi, Balea! Tu es tam forte que tragas o



*Tiburom
que desfai o
Olhomol
que atrapa*

*o Calamar que mata o Peixinho que come o
Caracol que baba a Mioca que fura o Mar
que a vida me dá.*

-Eu som tam forte que o Home me captura.

*-Oi, Home! Tu es tam forte que capturas a
Balea que traga o Tiburom que desfai o
Olhomol que atrapa o Calamar que mata o
Peixinho que come o Caracol que baba a
Mioca que fura o Mar que a vida me dá.*

Begoña Baceiredo Pérez, M^a Eugenia Moreiras
Lamelas, Lucia Moreno Castro, Belén Vidal Rodríguez.

OS ANIMAIS

-Ei, Verme! Tu es tam forte que a Terra furas.

-Eu som tam forte que a Andorinha me atrapa.

*-Ei, Andorinha! Tu es
tam forte que atrapa
o Verme que a
Terra fura.*



*-Eu som tam forte
que o Gato me despluma.*

*-Ei, Gato! Tu es tam
forte que desplumas a
Andorinha que atrapa
o Verme que a Terra
fura.*



*-Eu som tam forte que
o Cam me trava.*

*-Ei, Cam! Tu es tam forte que travas o Gato
que despluma a Andorinha que atrapa o
Verme que a Terra fura.*

-Eu som tam forte que o Lobo me mata.

*-Ei, Lobo! Tu es tam forte que matas o Cam
que trava o Gato que despluma a Andorinha
que atrapa o Verme que a Terra fura.*

-Eu som tam forte que o Osso me espanta.

*-Ei, Osso! Tu es tam forte que espantas o Lobo
que mata o Cam que trava o Gato que despluma
a Andorinha que atrapa o Verme que
a Terra fura.*

-Eu som tam forte que o Home me prende.

-Ei, Home! Tu es tam forte que prendes o Osso que espanta o Lobo que mata o Cam que trava o Gato que despluma a Andorinha que atrapa o Verme que a Terra fura.

-Eu som tam forte que na Terra remato.

-Ei, Terra! Tu es tam forte que enterras o Home que prende o Osso que espanta o Lobo que mata o Cam que trava o Gato que despluma a Andorinha que atrapa o Verme que a Terra fura.

Elena Maria Álvarez Vázquez, Ana M^a González Almenar, Marta González de Prado, M^a Jesus Iglesias Suárez, Montse López Fernández, Sonia Maria Lucas Méndez.

OS ANIMAIS

-Oi, Rato! Ti es tam forte que o Queijo comes.

-Eu som tam forte que o Gato me mura.

-Oi, Gato! Ti es tam forte que mura o Rato que o Queijo come.

-Eu som tam forte que o Cam me mata.

-Oi, Cam! Ti es tam forte que corres o Gato

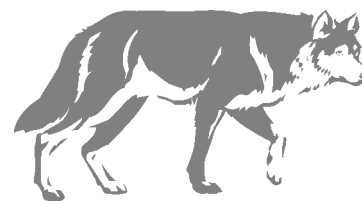


que mura o Rato que o Queijo come.

-Eu som tam forte que o Lobo

me mata.

-Oi, Lobo! Ti es tam forte que matas o Cam que corre o Gato



que mura o Rato que o Queijo come.

-Eu som tam forte que o Osso me manca.

-Oi, Osso! Ti es tam forte que mancas o Lobo que mata o Cam que corre o Gato que mura o Rato que o Queijo come.

-Eu som tam forte que o Home me mata.

-Oi, Home! Ti es tam forte que matas o Osso que manca o Lobo que mata o Cam que corre o Gato que mura o Rato que o Queijo come.

Patricia De Vega Blanco, Marta Fernández Sanmiguel, M^a Beatriz González Limia, Esperanza González Rodríguez, Sonia González Suárez, M^a Victoria Marin Valle, Julia Rodríguez González.

Ourense, Fevereiro de 1996